

## A LITERATURA TRADICIONAL DE EXPRESSÃO ORAL E O SEU VALOR LITERÁRIO E AXIOLÓGICO

MARIA ALIETE GALHOZ \*

A literatura tradicional de expressão oral foi longamente ignorada e desprezada pelas camadas da população que se diziam cultas e bem pensantes. Como um valor em si só a erudição dos pesquisadores positivistas do último quartel do século XIX é que começa a chamar a atenção para ela e a promover recolhas a pouco e pouco cada vez mais fiéis do que a lição idealista e devaneadora do primeiro entusiasmo romântico pelas "coisas do povo" tinha incutido nos ânimos. Teófilo Braga, Adolfo Coelho, D. Carolina Michaelis e Consiglieri Pedroso se salientam nessa geração. Vem, em seguida, Mestre Leite de Vasconcellos, que nasceu em 1858 e foi exemplar na remodelação e rigoroso método científico no trabalho de campo e estudo etnogeográfico desta matéria. Cabe lembrar aqui, também, o honroso nome do etnógrafo Tomás Pires, discípulo epistolar e amigo de Mestre Leite, que a partir de Elvas tão prestigiosamente se deu ao levantamento e publicação da tradição etnoliterária portuguesa, sobretudo da do Alentejo.

Mas não se trata de referir um património só do passado, irremediável e absolutamente morto para nós. Embora a aculturação, que dos anos sessenta para cá se vem acentuando cada vez mais rápida, mercê das facilidades de comunicação e da divulgação dos "mass-media", reduza a estreitas camadas populacionais e a ilhotas geográficas ainda isoladas a sua preservação, é notável o que se tem feito de pesquisa frutuosa. Reportando-nos ao caso do Alentejo referimos as colheitas, valiosíssimas, de sessenta para cá, de Michel Giacometti e de oitenta para cá de António Falcão e de Pere Ferré. Daí que urja despertar também as gerações locais mais vivazes e actantes para um respeito e receptividade perante essas produções vindas do sedimentar de uma cultura rolada de século em século e carreando uma sabedoria decantada, feita de sagaz observação e pertinente inteligência das coisas e dos homens, conhecimento de forma alguma negligenciável.

Para quem lida com a educação, que é eminentemente um ideal de formação harmonizada, esta manifestação do saber, e do dizer, e do fazer, do senso do povo, que é o que somos todos, deve ser uma das fontes a que se dirija também na sua busca de motivações integradoras para o acto não apenas sapiencial mas igualmente vivencial que é o Ensino.

\* Docente I.N.I.C

A tal propósito, pensando neste tesouro etnoliterário, e que defendia como sendo uma riquíssima parcela do acervo cultural de que nos alimentamos, escrevia o Doutor Leite de Vasconcelos num dos primeiros volumes da sua Etnografia, recomendando a utilização deste património nas escolas fundamentais, as que constituem a base do nosso progresso posterior, como iniciadoras que são: [cito]

"Esperta-se a atenção e o acume intelectual com a proposta de adivinhas, promove-se o gosto literário com a recitação de cantigas, que as vezes são admiráveis de beleza; abre-se a memória e activa-se a imaginação com a aprendizagem de romances e contos; acalenta-se o senso moral com o enunciado de provérbios que constituem, como se diz vulgarmente, a "sabedoria das nações"; [fim de citação]

Aqui abrimos um parêntesis para fazer uma reflexão que não será despendida embora, no nosso próprio entender, seja injusto ter que permutá-la; mas nunca é demais abrir os olhos à sem razão que, neste aspecto, às vezes ainda perdura em alguns espíritos. E a reflexão segue-se à pergunta, que devia ser já desnecessária: será o povo mais desprovido de meios culturais institucionalizados mero reproduzidor de elementos vindos desses meios institucionalizados, elementos que assimila e retém, ou é, por si e além disso, criador também? Evidentemente que é também criador, e fortemente criador na medida em que, mais despojado de meios auxiliares mecânicos, tem, por tal, que tirar partido estético e sensibilizador com técnicas que não são ainda tecnologias e valendo-se da vocação natural, da experiência própria, das regras do fazer e do dizer que a comunidade aonde se insere lhe transmitiu do ver ou do ouvir. Quem lhes negará, nos seus produtos, o estatuto da arte e do conhecimento, de técnicas e de ciência, cuja dura aprendizagem é um percurso, afinal, da vida inteira? Damos, como claro exemplo, embora não nos vamos ocupar dela aqui, a "décima" tão cultivada dos poetas populares no Sul do Alentejo e nas franjas da serra algarvia, género nitidamente de "trobar cluso", com estrutura e leis e marcações internas difíceis, que exigem profunda maestria no domínio de seu saber e de sua arte poética a quem as cultive com êxito; e nós sabemos como correm "décimas" de boca em boca, já anónimas tantas delas, que são verdadeiras obras primas.

Não significa este louvor que consideremos estas produções de pura geração espontânea, tal não dissemos, nem sequer puro resultado de vaso fechado de um microcosmos sem contaminação; mesmo nas zonas mais isoladas a necessidade e o tempo e os acontecimentos tal desmentem. A cultura é feita de culturas que se difundem, que se interpenetram, que se infundem de umas às outras. A cultura das classes do poder propaga-se, a cultura religiosa impregna-se desde o mais fundo da Transição e, até, da Tradição não pragmatizada, as migrações sazonais dos trabalhos agrícolas transmitiam até aos anos sessenta deste século, de regiões diferenciadas a fusão ou o acréscimo de elementos de seus patrimónios respectivos. Além disso é preciso não esquecer que esta etnoliteratura, arcaizante na matriz do seu processo conservador da língua e dos símbolos significantes que veicula, também tem progressos, incorpora inovações; espelha não só os arquétipos ideais da comunidade onde circula como também reflecte os aspectos da sua realidade em trânsito. Pode dizer-se, cremos, que os seus valores se situam numa linha de transcendência e numa linha de imanência.

Apresentaremos, para concretizar esta pequena achega reflexiva, que temos vindo a fazer, um romance pois foi assim mesmo que denominou esta composição a informadora alentejana da boca de quem foi recolhida, cantada, em 1963. Poderíamos ter escolhido, para o mesmo efeito, um romance tradicional velho, uma "Delgadinha", por exemplo, tão difundido e de que conhecemos lindíssimas versões do Baixo-Alentejo. Seria uma

opção mais aliciante: talvez, e entroncaria numa tradição que vem, pelo menos, dos séculos XV/XVI. Não o fizemos, no entanto, e deliberadamente iremos ler o "romance da Luisinha", de feitura marcadamente popular próxima e que ilustra com rigor o objectivo proposto a desenvolvimento no título dado a esta comunicação.

Trata-se de um caso, acontecimento real infausto, passado algures, muito provavelmente no Alentejo, e que suscitou a piedade colectiva. Enversado difundiu-se entre trabalhadeiras campesinas, deve ter sido olvidado e resta-nos este testemunho guardado pela memória de Catarina Rosa Raiga, uma dessas trabalhadeiras. Esquematzaremos, pontuando-o, o romance de Luisinha, antes de o lermos, para que melhor se compreenda.

Uma jovem, na dura faina da ceifa manual, cai vítima de insolação. De nada lhe vale já a água com que lhe assistem e morre. Transportada para a povoação, deitam-na sobre a sua cama. Fazem choro e despedem-se dela sua mãe, seu pai e seu noivo, enquanto o povo aflui em redor e expressa a sua comoção. O imaginário cristão surge com seus símbolos da capela de rosas e palma de glória no céu para a jovem morta na flor da idade, temperando assim o lancinante dramatismo do choro dos presentes.

São, se atentarmos bem, na narrativa poética do romance, os valores morais da honra e da donzela, os afectivos do amor, os colectivos da solidariedade compadecente. E faz-se apelo a uma desejada compensadora alegria no Céu (o vector transcendente) perante a incompreensível crueldade do destino no imediato.

A jovem Luisinha volve-se assim um exemplo, bem amada e malograda, que a morte ceifa na flor da idade que ainda se lhe abria em esperanças e a vida, ao seu redor, deplora. Heroína, que o é no sentido nobre do termo caída no campo veraz da luta humana mais anónima, a humilde via do pão.

## ROMANCE DA LUISINHA

*Ceifeira que andas na calma ceifando o duro pão,  
(E) a calma era tão grande que caíste para o chão.  
Sua mãe assim que a viu logo começou a chorar,  
- (E) acudam à minha filha, vejam se ma podem salvar.  
(E) uma sua amiga dela, chamada Ana Maria  
Lhe trouxe um copo d'água, pra ver se inda lhe servia.  
Quando chegou o pé dela, estava coa boca fechada,  
Nem a água arrecebeu, ela já estava acabada.  
Trouzeram-lhe um copo d'água nem a água arrecebeu,  
Disseram uns para os outros: - Luisinha já morreu!  
- Luisinha, Luisinha, Luisinha do coração,  
Com a calma ser tão grande caíste prô meio do chão.  
Quando pra casa a trouzeram, que o povo ia a chegari,  
Tudo chorava em gritos sem a poderem salvar.  
Quando para o quarto entrou, na cama a foram deitari,  
Com a sua boca fechada, nem um ai já pôde dari.  
O quarto se iluminou, tudo um quadro de paixão  
(E) olharam uns para os outros, fincaram a vista no chão.*

*Fincaram a vista no chão, tudo ficou admirado.  
A cabeceirinha dela o Senhor crucificado!  
(E) o Senhor crucificado e numa capela de rosas  
Com um letrado que dizia: «Isto levás para a cova».  
Cara linda, cara linda, com uma cor tão ardente,  
(E) essa boca de sorrisos e alegre pra toda a gente.  
Tudo chorava em gritos, com um chorar de paixão,  
Não deixavam o rosto dela, agarravam-se ao caixão.  
- Minha filha da minh'alma, filha da minha alegria,  
Quando caísteis prò chão, tu já a Deus servias,  
Namorado se assentou coa cabeça no caixão,  
Chorando ele em voz baixa, que cortava o coração.  
- Luisinha, Luisinha, Luisinha do coração,  
Nunca chegámos a dari, um ao outro a nossu mão.  
Luisinha, Luisinha do coração,  
Tu vais para a Terra fria e eu fico na escuridão.  
Toda a gente ali chorava, um chorari de primori,  
- Luisinha, ó Luisinha, e não gozaste teu amori.  
Sua mãe ali se ouvia chorando em altos gritos:  
- Minha filha da minh'alma, pois eu não resisto a isto!  
Seu pai muito chorava pois com dor no coração,  
- Minha filha da minh'alma que vai pra debaixo do chão!  
- Escute lá, Senhor Prior, e um favor lhe quero pediri:  
Confesse-me a minha filha para o céu ela assubiri.  
- (E) a tua filha está no céu, sentada numa cadeira,  
Tem um anjo de cada lado, sarafim na dianteira.  
Tocam os sinos da torre, tudo toca de paixão,  
Luisinha, Luisinha, já estás debaixo do chão!*

in Romanceiro Popular Português, I vol. Organização, prefácio e notas de Maria Aliete Galhoz, Edição do Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Estudos Geográficos, Lisboa (no prelo)